

ELIAS HERCKMANS, O HOMEM E A OBRA

Armando Souto Maior
da Universidade Federal de Pernambuco

A "Descrição Geral da Capitania da Paraíba", de Elias Herckmans, não é somente de maior valia para o conhecimento da geografia do Brasil holandês. Escrita "sine ira" contra portugueses e brasileiros, ao contrário de alguns textos holandeses, constitui, também, uma fonte de primeira categoria para o estudo da história do Nordeste. Publicada em 1879, em holandês, com o título de **Beschrijvinge van de Capitanie Paraiba**, será traduzida pela primeira vez em língua portuguesa, por José Hígino Duarte Pereira, em 1884, e divulgada na então florescente Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. A obra resultou, em grande parte, das observações pessoais de seu autor que se adentrará, por dois sofridos meses, em uma expedição, pelo interior da Paraíba.

Elias Herckmans foi conselheiro de Nassau e é também o autor de "Der Zeevaart-Lof" (Amsterdam, 1634), poema em louvor dos feitos marítimos holandeses, um clássico da literatura flamenga. Morrerá em 1643, no Recife, amargurado e desiludido. É, sem dúvida, uma personagem diferenciada, igualmente a Franz Post, Eckout, Piso, Marcgrave, Benning e o próprio Nassau, na aventura holandesa no Brasil. Os que se engajavam na Companhia das Índias Ocidentais, a grande empresária da conquista, eram em grande parte mercenários alemães, italianos, franceses e irlandeses. Pouco ou nenhuma instru-

ção, grandes desejos de pilhagem e enriquecimento rápido constituíam a regra. Os marinheiros, entretanto, eram, na sua maioria, flamengos de nascimento e recrutados com mais cuidados. De maneira geral, porém, não há preocupações com sensibilidades na vida militar da época, a se julgar pelo testemunho de Ambrósio Richshoffer, autor de um hoje famoso **"Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)"**: "quando um soldado ou marinheiro saca para outro da espada ou da faca, prega-se-lhe esta através da mão no mastro grande. Si ele quizer soltar-se tem que lascar a própria mão". Duros modos, rudes tempos, onde se maneja muito a espada e pouco a pena. Elias Herckmans terá experiência das duas.

Além de sua movimentada presença na Paraíba, Herckmans viverá malograda aventura no Chi'e, de onde, ao invés de esperadas barras de ouro e prata, trouxe apenas um modesto glossário da língua do araucanos. O autor da **"Descrição Geral da Capitania da Paraíba"** participara da expedição ao Chile, comandado por Henrique Brouwer, que já servira ferozmente na administração das Índias Orientais e de quem Barlaeus diz que "era autoritário como um ditador. exigia tudo dentro de rígida honestidade e mantinha a sua autoridade fosse como fosse, não com brandura, mas com rudeza e quase sempre fazendo-se temer, sendo por isso odiado pelos marinheiros". Quando, depois de cometer muitas das atrocidades que faziam as glórias militares de seu tempo, Brouwer veio a falecer, Elias Herckmans o sucedeu no comando da expedição.

O letrado marujo Herckmans não é partidário, como seu antecessor, de violências inauditas contra os inimigos que eventualmente enfrentavam seus comandados. Com astúcia, julga mais conveniente fazer com que os chilenos venham à fala com os holandeses, pronto a demonstrar quão simpáticos eram os seus à causa dos nativos contra os detestados espanhóis. E assim o fez em Valdívia, primeiro impressionando-os com o relato dos feitos militares batavos que haviam permitido a conquista do Brasil, e depois, com falácias de mercador, intencionalmente ignorando a geografia, assegurando-lhes que era curta a distância entre o Brasil e o Chile, cujos habitantes poderiam se associar pelas relações de comércio e pela sociedade da guerra. Suas arengas, bem traduzidas, granjearam-lhe a simpatia nativa até o momento em que falou em ouro, perigoso e funesto nome nas escarmentadas relações dos indígenas com os espanhóis.

A inoportuna e importuna referência sobre o ouro feita aos nativos, não esquecidos das vicissitudes a que foram submetidos exatamente pelo fato de o terem em suas terras, fora pouco diplomática. O próprio Barlaeus diz, sentenciosamente, que o "ávido pedido de ouro pareceu ou termos grande falta dele ou desejarmos imoderadamente as cousas com que os mortais nos tornamos arrogantes e piores". O entendimento holandês com os chilenos teve altos e baixos, e deteriorou-se muito quando os nativos sugeriram aos seus novos invasores que procurassem eles mesmos as cobiçadas minas de ouro e com as suas próprias mãos as trabalhassem.

Há insuspeita sabedoria dos andinos incitando os holandeses a atacarem Lima, com promessas de que, expulsos os seus primeiros invasores, tudo seria mais fácil no vender, no comprar e no trocar. Os espanhóis no Chile não eram mais de 1.500 e poderiam ser expulsos com 1.200 soldados flamengos ajudados pelos nativos. A prata de Potosi, tão falada, deve ter aguçado a imaginação de Herckmans e compreende-se que tenha escrito a Nassau uma carta solicitando armas, soldados e mantimentos para que pudesse levar a bom termo um lucrativo empreendimento militar. Seu emissário, Elberto Crispim, ao chegar ao Brasil, obteve facilmente do governante holandês que

partisse uma nau para Valdivia e outra para a Holanda, esta última como mensageira de tão esperançosa empreitada. Enquanto em Pernambuco recruta-se gente entre a soldadesca flamenga disposta a seguir para Valdivia, chega ao Recife, inesperadamente, o próprio Herckmans com toda a sua frota, na desconsolada posição de ex-futuro libertador dos chilenos do domínio espanhol. Com Nassau suas explicações percorreram variada gama de desilusões: falta de mantimentos, dúvidas quanto às colheitas, dificuldades de entendimento com os índios andinos os quais, segundo o julgamento flamengo, "galhofeavam ébrios, em desordem, entregues a noitadas e comezanas" e "não se importam com o governo nem o receiam", no registro das palavras barrocas e puritanas de Gaspar Barlaeus.

Seriam os chilenos, no relatório apresentado a Nassau por Elias Herckmans homens da pouca palavra, pois não haviam fornecido os mantimentos prometidos. Porém, pior do que a falta de cumprimento da palavra nativa, foram as reclamações dos soldados flamengos contra a comida suas ameaças e deserções, malgrado as penas de morte então aplicadas como edificantes da disciplina holandesa. A má fortuna jogara, finalmente, a cavalaria e a infantaria dos espanhóis contra seus homens. Morreram Heckmans, em Pernambuco, amargurado, não antes de assegurar à História as razões de seu fracasso, em carta dirigida a Nassau e ao Supremo Conselho.

Refere-se Gaspar Barlaeus a Elias Herckmans, não somente como almirante, mas também como "governador da Paraíba". Depois de conhecê-la Herckmans a amou e daí iniciar a sua "**Descrição**" dizendo: "em águas, ares e fertilidade é esta Capitania uma das regiões mais saudáveis do Brasil". Neste amor à primeira vista havia também a miragem dos filões de ouro e é o que motiva ao Supremo Conselho promover sua expedição ao interior paraibano. Logo na primeira página do livro, Herckmans registra a presença francesa como a de traficantes de algodão e de pau-brasil. Ainda em 1585, andavam os franceses espingardeando-se com os portugueses, maridando fêmeas bugres e cortejando alianças com os tuxáuas. O domínio português na Paraíba era, portanto, limitado e contestado por repetidas escaramuças. Note-se que, antes da ocupação holandesa, apenas dezessete sesmarias, a primeira doada a 10 de janeiro e a última a 21 de abril de 1624, institucionalizavam a presença lusitana, afanada na produção de açúcar. O seu espaço não ultrapassava a Copaoba e pelo Mamanguape não transpunha o Itapecirica. O povoamento do sertão paraibano somente surgirá muito depois da expulsão dos holandeses, tendo como marco inicial a catequese dos cariris, nas aldeias do Pilar. A terra paraibana era, pois, ainda um mistério tropical, semi-revelado ao seu novo senhor flamengo, e compreende-se o desejo de Herckmans em decifrá-lo.

Na época da expedição, a Paraíba tinha dezoito engenhos e sua Filipéia, então denominada Cidade Frederica, uns mil habitantes. Herckmans a empreenderá em 1641, partindo do Recife a 3 de setembro. No dia seguinte dormirá em Igarassu. As águas dos Rios Muzumba e Gramame retardam-lhe a marcha, pois estavam com as margens inundadas e é necessário procurar os trechos onde é mais fácil vadeá-los. Paulo von Lingen, conhecedor da região, deu-lhe conselhos, guias, atalhos e informações sobre engenhos e currais de gado, porém Herckmans ouvirá, sobretudo, o relato de Manoel Rodrigues, que Barlaeus aponta como "alcaide da Paraíba" e que já teria, em 1625, sob os auspícios do governador Gregório Lopes, percorrido 150 léguas em terras paraibanas, gastando nessa andança cinco meses. Rodrigo comera ratos e cobras e padecera sedes terríveis, havendo dois de seus companheiros de viagem sucumbido pela falta d'água; teria visto um rio muito largo, que talvez desaguasse no São Francisco porque

se dobrava para o sul. Nas campinas encontrara poços de um pé de diâmetro e de uma braça de profundidade, cercados de vegetação, e dos quais sempre brotava água. Mas, de maneira geral, advertia, o solo em grandes extensões era tórrido e matava de sede o caminhante. Rodrigues conseguiu, entretanto, incendiar a imaginação de Herckmans falando-lhe de montes onde se pisando fortemente ouvia-se um tinido como se embaixo houvessem minas.

A Descrição de Herckmans é uma informação básica para o estudo da história colonial da Paraíba e são inúmeras as referências à sua capital. O Varadouro, com seus armazéns de açúcar, fora arrasado pelos habitantes da Filipéia, pouco antes do ataque inimigo, para que não fosse de sua utilidade. Herckmans dá-nos notícias de sua reconstrução e da edificação de um molhe para o atracamento de navios e nota, com razão, que das seis construções religiosas o Convento de São Francisco era o maior e o mais bonito. Seus frades, entretanto, haviam conspirado contra o invasor e seu guardião carteara-se com Matias de Albuquerque, tendo parte de sua correspondência caído em poder dos holandeses. Ao protestante invasor pareceu melhor expulsar aqueles suspeitíssimos franciscanos e transformar seu reduto barroco em "um convento fortificado para servir de asilo ou refúgio aos mercadores neerlandeses em ocasiões de necessidade, com trincheiras e baterias". Quando Elias Herckmans esteve na capital paraibana ali se alojara como "diretor da capitania", assim como os soldados de sua guarnição. Os carmelitas, mais acomodados, estavam e continuavam no seu inacabado edifício.

Com oportuna "anima narrandi" Herckmans registra, em seu livro, o funcionamento da justiça local e considerando ser do interesse de um eventual leitor maiores informações, remete-o, delicadamente, às ordenações e leis de Portugal. Com ótica segura de observador participante e conhecedor das coisas holandesas no Brasil, apresenta-nos escabinos paraibanos e as instâncias que lhes são superiores. Flagra a vida da cidade em seu cotidiano flamengo, qual um Franz Post do bom escrever e quase, digamos, o faz com indisfarçado carinho.

Impressionado pelas informações de Rodrigues, partirá sem demoras, apetrechado e acompanhado por soldados e índios, em demanda do interior desconhecido, atingindo inicialmente os engenhos mais próximos. Dará notícia em sua "Descrição" dos engenhos às margens do Inobi que teriam pertencido a Ambrósio Fernandes Brandão — identificado depois como o Brandônio do irônico "Diálogo das Grandezas do Brasil" — cujos descendentes, renegando a invasão flamenga, o haviam abandonado. Estavam, agora, em mãos de um negociante de Amsterdam, Isaac de Rasiere. Outro engenho importante, registrado por Herckmans, é o de Duarte Gomes da Silveira, homem experimentado nas lutas iniciais contra os holandeses, porém demasiadamente ligado à terra paraibana para largá-la. Teria subido o Mamanguape, varando até a Copaoaba, instalando currais e roças, com bom dinheiro e liderança de desbravador e pioneiro. Seus currais e engenhos são assinalados na cartografia holandesa da época e Loreto Couto diz no seu "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", que fora agraciado com o título de Marquês de Copaoaba, por Filipe IV, com a condição de fundar vila no planalto, o que, aliás, não fez.

Os meandros dos rios paraibanos alongam suas distâncias aos olhos de Herckmans. O Tibiri aparece-lhe banhando vários engenhos. Diz-nos que seu nome significava **rio do pecado sodomítico**, pois, nas suas margens, os potiguares, à força, abusaram de um jovem tapuia. Errou aí o flamengo, traduzindo mal, uma vez que ensina Frei Vicente de Salvador, em sua **História do Brasil** (1626), proceder o nome de **tibi-r-y**, que signi-

fica rio da sepultura, ou de tibir-y, rio do enterrado, do sepultado. Erro aliás descupável, pois **tebiró** em tupi, é pederasta.

O tupinólogo e erudito Theodoro Sampaio, ao ler a primeira tradução da "Descrição", de Herckmans, encarregou-se de anotar e corrigir algumas etimologias interpretadas por ele, assinalando, em carta dirigida a outro erudito de sua época. Alfredo de Carvalho, que "muitas de suas interpretações são errôneas, muitos nomes estão mal grafados, mas ainda assim o subsídio que o autor da "Descrição Geral" nos deu não é pequeno".

Sucedem-se na obra as referências aos engenhos paraibanos, uns arrematados à Companhia das Índias Ocidentais e em mãos estrangeiras, outros ainda em poder dos ricos da terra, como Jorge Homem Pinto, o "senhor do Tibery". Subindo o Rio Paraíba, o seu autor verifica que, a partir de Lagoa Salgada, havia "desertos". É o sertão.

O Rio Gramame mereceu de Herckmans detida observação. Passara por ele no caminho vindo de Goiana e seus homens o acompanharam até o desaguar no sul do Cabo Branco. Nas suas margens parece-lhe que a economia é variada: há engenhos, planta-se mandioca, cria-se gado, produz-se frutos da terra e milho. Claudicando outra vez na etimologia, Herckmans, ao invés da origem **guaramano**, que significa **curral**, **cerca**, preferiu poéticamente a tradição local de que um tapuia, aprisionado pelos potiguares enquanto aguardava o seu sacrifício ritual, convivera com uma índia da tribo de seus captores. O amor teria vencido a pauta cultural da antropofagia potiguar e é trecho digno de se ler a exclamação da índia apaixonada ante a iminência da morte de seu amado prisioneiro, o que teria originado o nome Gramame. Não menos romântica é a origem atribuída à aldeia de Joakaka, provavelmente às margens do Rio Jacoca, afluente do Gramame. O nome, aliás, também corrigido por Theodoro Sampaio, é derivado de **ju-coga** que significa plantação de juazeiros ou onde se faz a colheita do juá.

O Cabo Branco é descrito com alguns detalhes. Aparecem correndo mansamente o Popocas ao sul e o Miriri ao norte. A bacia do Mamanguape, sofrida em caminhadas é, entretanto, apresentada em pontilhado impressionista. A Borborema avultará na "Descrição" de Herckmans com o nome de Cupaoba, corrupção de **cuba-ob**, que quer dizer o que ao longe se estende, ou por semelhança, uma serrania que se vê ao longe. Talvez algum branco mais afoito, anteriormente a tenha ultrapassado, não se sabe ao certo. Coriolano de Medeiros, entretanto, afirma que onde hoje está a vila de Cupaoba, no Município de Caiçara, uma povoação marcava a presença de seus conquistadores porque "é povoação antiga e antes mesmo da conquista da Paraíba já mamelucos pernambucanos tinham andado por seus terrenos". Sua designação pode sugerir a copaíba (em tupi **kupa-iwa**), sobre a qual já o nosso Gabriel Soares de Souza, antes de Herckmans dizia "não dá fruto que se coma, mas um óleo santíssimo em virtudes, o qual é da cor e da clareza do azeite".

O jesuíta Serafim Leite em sua "História da Companhia de Jesus no Brasil", divulga, também, uma narrativa da viagem do Padre Francisco Pinto à Copaoba, incumbido que fora de atrair os indígenas à causa portuguesa, ameaçada pela presença dos traficantes franceses, e onde o seu colega de sotaina calculava haver 320 aldeamentos. Herckmans não esconde o seu entusiasmo pela possibilidade de nela se plantar a vinha e outros cultivos europeus, seu clima saudável é louvado, mas a distância da costa impedirá por muito tempo que, tanto brasileiros como holandeses, povoem definitivamente essa região e levem para mais além o seu desbravamento.

Bom narrador, leva Herckmans seus leitores pela mão e ensina-lhes, com cuida-

dos didáticos, a geografia paraibana: — “Deixaremos agora esta serra da Copaoba e descenderemos o Mamanguape até a costa; mas antes de voltarmos ao norte indagaremos porque razão o Mamanguape assim se chama”. Explica, então, a etimologia da palavra. Não esconde seu encantamento pela fertilidade da terra. Rivaliza seu texto com o de Servaes Carpentier, seu primeiro “diretor” flamengo, que a comparou com Gertruydenberg, na Holanda, com palavras de enamorado.

Se Eckhout pintando os frutos do nordeste brasileiro deu aos seus contemporâneos europeus uma visão de suas variadas formas e cores, Herckmans descreveu-os como se pretendesse também, aguçar-lhes o apetite pelo exotismo tropical. Mangabas, massarandubas, goiabas, maracujás e cajus compõem uma natureza viva nas páginas da “Descrição”. Repete, aliás, Herckmans, uma informação curiosa de Frei Cristóvão de Lisboa, que da casca do maracujá se fazem doces muito gostosos, cujas receitas, desgraçadamente, a doçaria nordestina perdeu. Não faltam uvas e figos, aclimatados, e também os melhores cavalos de sela do Brasil, conforme a boa informação herckmaniana. A caça apresenta-se tão abundante que considera demasiado enumerar os animais, porém registra o tatu e o peixe-boi com um certo espanto europeu. As especiarias espiciam-lhe o desejo de falar de nossos diversos tipos de pimenta e o gengibre parece-lhe tão comum que “ninguém se dá ao trabalho de plantá-lo”. Enfim, é um apaixonado pela terra que pisava.

Nas suas observações etnológicas não escapou, porém, Elias Herckmans, aos preconceitos religiosos calvinistas, parecendo-lhe que os nossos índios adoravam ao diabo. Servos do demônio, mancomunados com espíritos maus, seus feiticeiros o impressionaram pelas invocações aos mortos e presságios e revela-se medroso diante de uma demonologia que desconhecia. Como simples mortal, não esquece, todavia, de registrar que as mulheres “são também de cor atrigueirada, muito bonitas de cara, trazem compridos os seus cabelos negros e também andam nuas”.

Contou Herckmans com 53 soldados e 60 índios quando se adentrou pela Paraíba e provavelmente explorou o Rio Sanhauá com o mesmo desejo de ouro que moveu o bandeirismo paulista. Quando seus homens atravessavam um ribeiro e viram areia brilhante como se fora aurífera, lançaram-se cupidamente a ela, na esperança de enriquecimento rápido. Experimentada ao fogo, seus grãos inflamavam-se, era apenas ta’co, então chamado de vidro moscovita.

As barrigudas, gordas em cima, magras na parte inferior do tronco, insólitas e estranhas, são marcos da caminhada que os conduzem ao longínquo cercado de Duarte Gomes da Silva, às margens do Mamanguape.

Algumas índias acompanhavam seus maridos e serviam de criadas aos exploradores brancos que varam as campinas, embrenham-se nos matagais, vadeiam rios e passam a pé enxuto riachos secos.

Atingido o Rio Carambi ganharam as planícies de onde se podia avistar a Serra da Copaoba. Sendo época da estiagem, nelas arde a folhagem seca e já esturricada pelo sol; a suspeita branca contra os indígenas de incêndio provocado intencionalmente para aterrar os invasores, não os abandonará mais. Os contrafortes da serra estão também forrados de capinzal seco, convite a incêndio por parte da índia de fidelidade duvidosa. Extenuados, enfraquecidos pela longa caminhada, muitos homens de Herckmans foram então enviados de volta à cidade. Informa Barlaeus que, atingido o cimo da serra, Herckmans nela mandara gravar o braço da Companhia. O nome do lugar era o terrí-

vel e polissilábico **irupari-bakai**, ou seja, **aqui o diabo olhou para trás**. Os índios acreditavam que um de seus maus espíritos ali subira e atônito com a novidade da altura, olhara para trás.

Matas e montes tornaram muito difícil a deambulação de Herckmans na Copaoba. Procurou,, assim, lugares mais planos, atingindo a aldeia indígena **Guirarembuca**, abandonada, ao que parece, pouco antes. Uma outra, **Ararembé**, teria existido num dos pontos mais altos da serra, segundo informaram seus acompanhantes nativos. Ficou Herckmans sabedor de que seus antigos habitantes tinham comerciado com os franceses e que, posteriormente, sofreram um duro ataque comandado por Duarte Gomes da Silveira, o qual aprisionara e matara muitos; o tuxáua da tribo fora levado para a Europa e dois de seus filhos estavam ali mesmo, a serviço da expedição.

Embora Herckmans pensasse e dissesse que estava apenas no início da viagem, tanto índios como brancos demonstravam pouca ou nenhuma vontade de prosseguir. Os primeiros diziam que não conheciam os caminhos, que se escondiam na selva, dali em diante; os outros, brancos suados, mercenários com perdidas esperanças de lucro com metais preciosos, já murmuravam palavras de indisciplina e desânimo. Barlaeus, nos moldes da historiografia clássica, atribui a Herckmans, nessa ocasião, patético discurso: — "Guardassem entre os estrangeiros a fama da antiga valentia, prosseguindo para onde os fados os conduzissem... Acompanhassem-no como a um chefe que, participando da mesma sorte a deles, se contentaria, para alimentar-se, com um punhado de farinha e um bocado de toucinho... Não se empreendera aquela entrada para os índios visitarem as suas antigas aldeias".

A darmos crédito a Barlaeus, as palavras de Herckmans esconjuraram o temor e a rebeldia de muitos que concordam então em prosseguir viagem por terras de natureza desconhecida e caminhos incertos. É penosa a nova marcha, com apenas duas ou três léguas por dia, em picadas abertas em arvoredos densos, através do qual mal se vê o céu. Furando matas, margeando o Rio Araçagi, Herckmans e seus comandados passam por malocas de desconfiados tapuias, a medida que o chefe vai perdendo, pouco a pouco, o apoio dos seus, no penoso prosseguir.

O regresso não é menos difícil do que a ida e o seu roteiro um tanto desnor-teado, sobretudo a partir da confluência dos Rios Araçai e Maracujai. Aqui e ali, pedras que brilham acendem, novamente, esperanças de ouro e prata, a permanente obsessão européia no Brasil colonial. Passando a Lagoa Araruquá, voltam por caminhos onde se renovam esperanças de riquezas minerais ao verem, brilhando ao sol, o que Herckmans chamou de "montes de cristal". Depois de algumas decepções com as rochas ingratas, finalmente surgem os engenhos de açúcar já conhecidos, tranquilos e moentes. A 4 de novembro chegará ao Recife, com seus homens "carregados de incômodos e vazios de dinheiro" no escrever de Barlaeus que, registrando-lhes o infortúnio, dirá, apiedado e melancólico: — "Nem as selvas, nem os penhascos, nem os rios, nem os mares obstaram à sofreguidão do ganho. Tão veemente é a estima votada ao dinheiro que ela ousa e realiza coisas extraordinárias e incríveis, quer investigando lucros latentes, quer devorando os manifestos. Entretanto, não dão completa felicidade as vantagens encontradas, e é digna da maior compaixão essa avidez de procurá-las". Deixara entretanto Elias Herckmans para o futuro a sua aliciante "Descrição". É o seu renovado legado ao Brasil. É, também, o pagamento de sua dívida à Paraíba.